

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 524	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	9950	8120	11 DE JULHO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Mal imaginava eu quando por simples curiosidade lhes contei aqui o burlesco processo, que a Sociedade dos Paes de Familia de Madrid tinha intentado á *Bella Chiquita*, a artista franceza que com a dança do ventre tanto successo fizera, ha semanas, no colyseu das Portas de Santo Antão, e quando dias depois, na minha ultima chronica, lhes referi um processo instaurado em Paris, contra os estudantes de pintura e escultura, pela *Liga contra a licença nas ruas*, associação virtuosa franceza, presidida pelo senador Berenger e que tem muitos pontos de afinidade com a *Sociedade dos Paes de Familia* de Madrid, mal imaginava eu, repito, que essas duas chronicas teriam seguimento imposto pelas circumstancias e que esses factos comicos dos tribunaes de Paris, se transformariam em acontecimentos dramaticos nas ruas do bairro latino, e que o sr. Berenger, que fôra o auctor d'essa audiencia burlesca que parecia um acto de Labiche, havia de ser tambem o motivo de tumultos sanguinolentos, que custaram vidas, que não acabaram ainda de todo e durante dias preocuparam o mundo inteiro.

Por uma d'essas leis mysteriosas da philosophia da historia, que faz com que ordinariamente os acontecimentos mais importantes se prendam a factos insignificantissimos, a revolta no boulevard Saint-Michel, com as suas mortes, os seus duzentos e tantos feridos, as suas carruagens e omnibus incendiados, as suas barricadas, os seus gritos

de «viva a communa» sahiu do processo intentado por Berenger contra os promotores do baile des *Quat'z arts*, que aqui narrámos com as reticencias que escabrosidades da audiencia nos impunham na nossa ultima chronica.

Foi d'esse processo devido á *Liga contra a licença das ruas* que nasceram essas luctas sangrentas nas ruas de Paris.

Historiemos como isso foi.

A 11.ª Camara Correccional de Paris não deu a sua sentença no dia da audiencia a que nos referimos, e depois de terminado o julgamento, de ouvidas as testemunhas, os reus, os discursos da accusação e da defeza o tribunal deixou para d'ali

a oito dias o julgamento, o que é muito vulgar nos tribunaes correccionaes francezes.

Os oito dias passaram e na sexta feira, 3o do mez passado, o tribunal pronunciou a sentença, que foi a menor que podia dar, e concebida em termos que eram alfinetadas no feroz accusador dos terriveis criminosos, o virtuoso presidente da Liga.

A sentença foi apenas a de multa de 100 francos para o estudante Guillaume, o promotor do baile e para as quatro raparigas, modelos de atelier que tinham tomado parte no baile denunciado.

Apenas tiveram conhecimento d'esta sentença, que apesar de ser desagradavel ao sr. Berenger, era comtudo uma condemnação dos accusados, os

estudantes da Escola de Bellas Artes reuniram-se, redigiram e fizeram affixar em todos os *ateliers* a seguinte proclamação:

«Caros collegas.

«Pela condemnação dos accusados do baile des *Quat'z Arts* achamo-nos todos offendidos nos nossos prazeres e na nossa liberdade artistica.

«É o ultimo golpe vibrado á nossa unidade e á nossa força, se não protestarmos energicamente contra uma tão iniqua condemnação. Por isso...

«Convidamos os artistas, sem espirito de escola nem de partido, a tomar parte no *chahut-mônôme-antiberngista* organizado para amanhã á noite.

«O ponto de reunião é ás nove horas precisas, praça da Sorbonne. O signal de adhesão será para todos uma folha de vinha trazida ostensivamente.»

Quasi todos os estudantes de Bellas Artes e muitos d'outras escolas adheriram a este convite e ás nove horas de sabbado 1 do corrente juntaram-se na praça da Sorbonne, cerca de dois mil estudantes trazendo todos no chapéu ou na lapella uma folha de vinha feita de papel.

Depois de reunidos dirigiram-se em massa ao Senado, onde devia ser a primeira manifestação, mas a policia não os

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



OU ÉS TU, LILI? — QUADRO DE JOSE DE BRITO,
PREMIADO COM A 3.ª MEDALHA E ADQUIRIDO POR S. M. EL REI D. CARLOS
(Cópia de uma photographia do Sr. Camacho)

deixou passar e fez dividir o grupo em dois, um que foi para o bairro latino, outro que se dirigiu para a rua d'Anjou e passou defronte da casa do Senador Bérenger, gritando: *Abaixo Bérenger, abaixo o casto senador, viva as Quat' Arts* fazendo uma enorme apupada, uma troca monumental. Em seguida o grupo, que se compunha de setecentos manifestantes encaminhou-se para casa de Jules Simon, outro influente da famosa liga; mas no caminho, ao pé do café D'Harcourt, appareceu uma grossa columna de policiaes, que de murro fechado se precipitaram sobre os estudantes, batendo a torto e a direito, perseguindo as pessoas que se tinham refugiado no café e as que completamente alheias á questão lá estavam bebendo, conversando ou jogando, fazendo disturbios enormes, quebrando cadeiras e mezas, ferindo muitas pessoas e entre ellas um pobre rapaz, perfeitamente estranho ao motim, um caixeiro de commercio chamado Antonio Nuger.

Um agente de policia, cuja identidade ainda se não pode averiguar, atirou com uma phosphoreira de louca á nuca de Nuger, que com a violencia da pancada cahiu logo sem sentidos, morrendo d'ali a tres horas sem tornar a voltar a si.

É claro que esta morte veio aggravar d'uma maneira extraordinaria a excitação dos espiritos e a lucta entre os estudantes, os populares e a policia assumiu então proporções muito mais serias.

E para complicar a questão o elemento revolucionario veio logo metter se na contenda, queimando os kiosques, as carruagens, fazendo barricada transformando n'uma verdadeira e sangrenta *émeute* a manifestação dos estudantes contra o senador Bérenger, manifestação que, como elles proprios confessam, não queiria passar d'uma monumental troca ao casto senador.

Os elementos desordeiros porem que ha em toda a parte, mais ou menos latentes, accudiram logo á arruaça, tomaram a direcção d'ella e os estudantes vendo isso, comprehendendo que as suas intenções estavam sendo desvirtuadas e que em torno da sua bandeira se alistava uma legião de maltrapilhos, de desordeiros, de especuladores, retiraram se logo lavrando o seu protesto contra essa feição nova e odiosa que quieriam dar á sua manifestação e ajudando mesmo os agentes da auctoridade a prender alguns dos desordeiros evitaram alguns dos actos de vandalismo e selvageria que elles quieriam praticar.

As ultimas noticias são mais tranquilisadoras, mas os tumultos ainda não estão terminados de todo. Os espiritos estão ainda muito exaltados e parece que é inevitavel a demissão do prefeito de policia Lozé, e porventura do ministerio todo, e tudo isto nasceu da denuncia feita pelo presidente da *Liga contra a licença das ruas*, do baile dos *Quat' art*, de que aqui demos noticia ha dez dias, como d'uma sessão dos tribunaes comicos de Jules Moinaux.!

Ao mesmo tempo que nas ruas de Paris se davam verdadeiras batalhas, as ruas de Madrid não lhes quizeram ficar atraz e tiveram tambem a sua charafuscasinha, muito mais modesta, mas que tambem fez andar a policia madrileña em passo de cão e que tambem metteu as suas cutiladas e os seus tiros de revolver.

A questão de Madrid foi uma questão de escovas ou vassouras.

O municipio diminuiu as férias aos seus vassouros, estes contituíram se em greve, e quando para o pateo do matadouro entraram umas carroças carregadas com barbas de vassoura, para serem confeccionadas pelo *escobero* Mouzo da Calle de Segovia os grevistas apedrejaram as carroças e os policiaes que as protegiam e d'ahi o tiroteio de pedra e de tiros entre os agentes da auctoridade e os grevistas, tiroteio do qual resultou ficarem feridos cinco guardas civis, e cinco vassouros.

Felizmente Lisboa não tem seguido os exemplos de Paris e de Madrid, e na nossa cidade continua a reinar a mais doce paz.

Tivemos tambem, é verdade, a questão das lavadeiras mas não passou de palavras, de discursos, e de passeios de centenas de lavadeiras pelas redacções de jornaes e pela camara municipal.

A questão não ficou resolvida, ficou simplesmente addiada mas é de esperar que se resolva a contento de todas e que a santa paz em que vivemos não seja alterada.

Temos paz, muita paz, graças a Deus, mas novidades é que temos muito poucas, o que não admira dada a estação em que acabamos d'entrar,

como nol'o prova a folhinha, e como nol'o diz o calor abafadiço que já para ahi passeia pelas ruas.

A cõrte esta em Cintra: para lá vae toda a gente que quer fingir que o é e por isso a Aveinda está já aburguesada e os theatros e os circos quasi desertos.

Na noite de sexta feira porem abriu-se uma excepção a essa deserção dos theatros abrindo se o teatro da rua dos Condes para festejar um dos mais illustres artistas portuguezes — o maestro Cyriaco de Cardoso.

Mercê do nome querido do illustre maestro o teatro encheu-se como raras vezes se enche em pleno inverno; Cyriaco teve ruidosa ovação e ruidosa ovação tambem o brilhante grupo de grandes artistas, que excepcionalmente se juntaram para promover aquella distincta festa e que deram a peça que n'essa noite se representou, *O Burro do sr. Alcaide*, um desempenho verdadeiramente excepcional.

Imaginem que esses artistas eram. Valle, Setta da Silva, Cinira, Barbara, Candida Palacio, Fantony, Eduardo de Sousa, Julio de Sousa, Lima, Antonio Salvador, Conde e Thereza de Carvalho, dos theatros de Lisboa, e José Ricardo e Aurelia dos Santos, do teatro do Principe Reai do Porto e terão uma idéa do que seria a peça representada por esses illustres artistas, que em Lisboa e no Porto tem sido os seus mais brilhantes interpretes e que pela primeira e unica vez se juntaram, dando assim ao desempenho um *ensemble* realmente extraordinario.

Foi a novidade da semana essa operetta velha a quem esse brilhante desempenho refez a mocidade, desempenho que o publico e a imprensa victoriarum com entusiasticos e justissimos applausos.

Agora espera-se em Lisboa uma grande novidade que lá fóra, em toda a parte, tem feito grande successo, miss. Fuller, a verdadeira inventora e executora da Dansa Serpentina.

Ha grande curiosidade em vê-la e oxalá que ella venha animar um pouco a samsaboria que tem até agora reinado nas noites do verão lisboeta.

Gervasio Lobato.

A RAINHA DE PORTUGAL D. IZABEL DE ARAJÃO SANTA IZABEL

Havia-se retirado a Extremoz D. Affonso IV depois de inutilmente ter posto cerco a Badajoz, na guerra que declarára a D. Affonso XI de Hespanha seu genro, guerra provocada por questões mais particulares, de familia, que por interesses da nação, e que não obstante conservou em acesa lucta por mais de dois annos ambos os paizes, sendo preciso intervir o papa como mediador para se restabelecer a paz entre os dois reis.

Foi esta terrivel guerra, que ameaçou destruir por completo estas nações visinhas e amigas por laços então de parentesco, que D. Izabel de Aragão, viuva ao tempo de El-Rei D. Diniz de Portugal, pretendeu evitar, tentando mais uma vez abrandar a colera de seu filho D. Affonso IV, como já o conseguira por outras vezes, quando este principe, levado pelos ciumes que tinha de seu irmão natural D. Affonso Sanches, se insurgira contra seu pae pondo o paiz nos horrores da guerra civil.

N'aquelle tempo achava se a boa e santa rainha, no convento de Santa Clara, em Coimbra, onde se recolhera depois da morte de El-Rei D. Diniz. Avançada em annos e cheia de achaques, mais estava para o socego e descanso do convento, em que contava acabar seus dias, do que para aventuras de longas jornadas e derrimir pleitos.

Mas o seu coração bondoso, amante da paz, não lhe soffria ver seu filho envolvido em guerra que ameaçava devastar o reino e perigar a independencia da patria, e por isso, esquecendo os annos e a doença, se pôz a caminho de Extremoz a encontrar-se com D. Affonso IV, e demoveo-o da colera em que estava contra D. Affonso XI de Castella.

Conseguiu D. Izabel chegar ao seu destino, mas mais morta que viva, pelos ardores do sol do Estio e aggravamento de seus males, apenas pode ver seu filho, sua nora e seus netos a rodearem-lhe o leito da morte.

Em uma sala do Castello de Extremoz, em que depois se erigiu uma capella com a invocação de Santa Izabel, (1) achava-se guardando o leito a

santa rainha. A' cabeceira estava D. Beatriz mulher de D. Affonso IV, e este de pé, carregado o semblante pela lucta que ia em seu espirito, contrastava visivelmente com a doçura que se via no rosto de sua mãe. Junto o infante D. Pedro e infanta D. Leonor, qual d'elles mais joven contemplovam tristemente sua avó prestes a expirar.

Um abcesso que sobreviera, n'um braço, á doente, abreviou aquella existencia preciosa e D. Izabel de Aragão, viuva de El-Rei D. Diniz, entregou a alma ao Criador, no dia 4 de julho de 1336.

Foi este dia dedicado pela igreja para a commemoração da Rainha Santa Izabel canonisada pelo Papa Urbano VIII, no anno de 1625.

O enterro da santa rainha realisou-se com toda a pompa d'aquelles tempos, sendo conduzido o feretro para Coimbra, e depositado em um tumulo na igreja do Convento de Santa Clara, conforme havia determinado, em testamento, a fallecida.

Este tumulo de pedra primorosamente trabalhado, parece que foi mandado fazer pela rainha para sua propria sepultura.

Com o decorrer dos annos, as areias e aguas do Mondego, na margem do qual estava construido o convento, principiaram a invadir este e de tal modo que, no anno de 1649, aquellas areias tinham subterrado quasi o edificio e apressado a sua derruição.

D. João IV, sabendo d'aquella ruina, determinou a construcção de um novo convento, sob a mesma invocação, para onde podessem passar as religiosas que se achavam em eminente perigo, no convento velho, e trasladar os preciosos restos da Rainha Santa Izabel.

Inauguraram-se as obras do novo edificio, com toda a solemnidade, no dia 3 de julho de 1649, mas a escacez de dinheiro, e de braços que a guerra da restauração tornava ainda mais escassos, fez com que só em 20 de outubro de 1677 se podesse effectuar a transladação, não obstante o edificio não estar ainda concluido.

Era então D. Pedro II regente do reino e ordenou para que a transladação da Rainha Santa Izabel se fizesse com grande pompa.

No *Guia do Viajante em Coimbra* descreve o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro a transladação do seguinte modo:

«O prestito atravessou sempre por entre alas formadas pelas corporações religiosas da cidade, as quaes por concorrerem em grande numero não poderam ir incorporadas na procissão, apesar de não ser curta a distancia d'um a outro convento. A' frente levava o marquez de Arronches o pendão, a cujos cordões pegavam seu filho e o conde da Ponte. As comunidades das duas ordens de S. Francisco, setenta e quatro freiras, varias confrarias e irmandades, a corporação da Universidade, a camara, auctoridades civis, a cleresia, cabido, etc., compunham o vistoso prestito. O ataúde com o corpo da Rainha Santa foi levado debaixo do pallio pelos bispos de Lamego, Porto, Pernambuco, Vizeu, Targa e Miranda, entre os quaes, para os ajudarem, iam os provinciaes das ordens da SS. Trindade, dos Eremitas de Santo Agostinho e dos Carmelitas Descalços. Levavam as varas do pallio o marquez de Minas, o conde de Figueiró, o conde de Santa Cruz, o visconde de Villa Nova de Cerveira, o conde barão, o conde de Soure, e o conde de Aveiras Detraz do pallio iam o bispo conde e o bispo de S. Thomé.»

«Depositou se o corpo da santa em um cofre muito rico de prata e crystal, que anteriormente havia mandado fazer o bispo conde D. Affonso de Castello Branco, e depois de fechado com tres chaves, se entregaram estas, uma a Roque Monteiro Paim, secretario de estado, para a dar ao principe regente, outra ao bispo de Coimbra, e a terceira á prelada do convento.

Por não estar ainda fabricada a esse tempo a igreja do mosteiro foi o cofre collocado n'uma capella provisoria.»

O dia da transladação do corpo da Rainha Santa Izabel é commemorado pela igreja luzitana com reza propria e rito *duplex*, por concessão do papa Innocencio XI.

Não foi esta a primeira vez que se mecheu no tumulo da Rainha Santa, pois que em 1612 por ordem de Philippe III de Castella, se abriu e se descobriu até á cintura o cadaver verificando-se estar tão bem conservado como na hora em que morrera.

Por este motivo se procedeu em Roma á canonisação da Rainha de Portugal, mas o processo durou até 1625, verificando-se a cerimonia no dia 25 de maio. (1)

O tumulo, ou cofre precioso, que o OCCIDENTE reproduz hoje em gravura, foi trasladado para a

(1) *Rainhas de Portugal*, etc., por Francisco da Fonseca Benevides.

(1) *Guia do viajante em Coimbra*.

capella-mor da igreja, no dia 3 de julho de 1696, vendo-se no côro de baixo do mosteiro o tumulo de pedra, em que primeiro fôra encerrado o corpo da Rainha Santa no antigo convento de Santa Clara. Aquelle cofre é uma peça de subido valor artistico e material, pois segundo diz Gasco na *Conquista de Coimbra*, importou em quinze mil cruzados, e que no meio das grades de prata que o cercam se vê esta inscripção de letras de ouro: *Dom Affonso de Castello Branco, Bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Santa, Anno de 1614.*¹

É triste saber-se que nos tempos que vão correndo, esteve em eminente perigo de profanar-se e quiçá cair em completa ruina o convento de Santa Clara sob cujas abobadas se guarda o tumulo da Santa Rainha. Custa a crêr, mas é verdade.

A morte da ultima freira professa d'aquelle convento occorrida em 1889, pôz á disposição do Estado o respeitavel monumento da piedade religiosa e abrigo dos restos de uma Rainha Santa, que deu á historia de Portugal paginas de gloria para as virtudes christãs, n'um reinado em que estas virtudes de uma rainha mais contrastavam com a dureza e crueldade de um rei portuguez.

O governo não achando melhor applicação a dar ao venerando edificio, destinou-o para presídio militar e aquelles tectos seculares que foram abrigo de tantas virtudes iam passar a abrigo da soldadesca mal comportada.

D'este desacato semi barbaro livrou o historico convento o sr. bispo Conde, que acudiu em sua defeza, representando ao governo e alcançando a revogação das ordens dadas n'aquelle sentido.

Com igual sollicitude accudiu o venerando prelado pelas recolhidas que viviam no convento, impetrando do governo protecção para ellas, que se achavam reduzidas á ultima miseria, e para o edificio que precisava de reparos para a sua conservação.

A uma e outra coisa accudiu presurosa a rainha senhora D. Amelia e, em uma carta dirigida ao reverendo bispo Conde, se offereceu generosamente a proteger tão santa pretensão expressando se do seguinte modo:

Lisboa, 29 de março de 1893.

Reverendissimo Bispo Conde.

Acabo de saber que a vinda a Lisboa do Bispo Conde refere-se a um negocio que altamente me interessa, visto tratar-se do Mosteiro de Santa Clara.

Alli, n'aquelle Claustro, dormem os restos sagrados d'Isabel, da Rainha Santa, que um dia tive a felicidade de poder contemplar e venerar.

Ouvi que as recolhidas, ou pupillas, a quem é confiada a honra de vigiar o tumulo da Santa, estão na maior miseria em consequencia da morte da ultima freira, e que para ellas poderem viver e não abandonarem o encargo a ellas transmittido por tantos seculos de devoção, teve o Bispo Conde de fazer um requerimento pedindo ao governo uma mensalidade de 80000 réis para cada uma das respeitaveis senhoras. Também sei que o Mosteiro carece de reparações urgentes, e que tanto para estas como para trabalhos annuaes indispensaveis para não deixar cair tudo em ruina nem um real existe.

Tenho fé e confiança que a minha profunda e humilde devoção pela Rainha Santa me permite vir offerecer a minha cooperação em tudo que pudér ajudar a perpetuar o seu culto.

Se pois o Bispo Conde encontrar qualquer difficuldade em obter tanto as mensalidades para as recolhidas como a somma de 100000 réis que me dizem ser indispensavel para as obras do convento, terei o maior gosto em pôr ambas estas quantias á sua disposição.

Peço lhe de vêr n'isto, além da minha veneração para com a Santa Padroeira de Coimbra, um testemunho, aliás bem pequeno, do respeito e digo também da veneração que tenho pelo Bispo da antiga cidade.

Peço lhe Reverendissimo Bispo Conde me creia sempre sua muito affeioada.

Amelia.

Registramos aqui, com extremo prazer, esta carta da augusta princeza, que mostra o grande interesse que toma na conservação d'aquelle monumento historico, não olvidando as pobres senhoras que lhes servem de guarda.

A historia e a arte ficam assim acatadas, e bem hajam todos que se empenham para que não des-

(¹) *Rainhas de Portugal* por Francisco da Fonseca Be-
nevides.

appareçam esses documentos de pedra, que affirmam a razão da existencia d'este glorioso povo, do Occidente da Europa, que se chama portuguez.

O retrato que acompanha este breve artigo, é um documento valioso, pois ha boas razões para o suppor authenticico.

Como se sabe El-Rei D. Diniz mandou vir da Allemanha um pintor allemão para retratar a Rainha, e tendo vindo este retrato de Colonia para El Rei D. Luiz, ha todas as razões para crêr na sua authenticidade.

Caetano Alberto.



AS NOSSAS GRAVURAS

HERO E LEANDRO

QUADRO DE ADOLPHO RODRIGUES

A gravura que publicamos, d'este quadro, é uma tentativa já bastante lisongeira de photo-gravura do sr. José Pires Marinho, que se tem dedicado com intelligencia e gosto a esta especialidade ainda não cultivada em o nosso paiz.

Felicitemos o distincto amator pelo promettedor resultado dos seus estudos.

Com respeito á critica do quadro vid. o n.º 520 do OCCIDENTE no artigo *A exposição do «Gremio Artistico»*.

O VENDEDOR DE JORNAES

Quem não conhecerá este typo tão caracteristico?

O vendedor de jornaes é um ente que poucos tem julgado com acerto. E' elle um derivado do jornalismo, um effeito d'essa potente machina, mas muitas vezes o effeito torna-se causa e então o vendedor de jornaes manda, dá ordens. Quantos jornaes desaparecem, se não caem nas boas graças dos vendedores, dos humildes vendedores; eis uma prova do que avançamos. Ha mezes o *Seculo* demorava a sua tiragem, pela insufficiencia das machinas, de fórma que sahia tardissimo chegando, por vezes, a ser vendido nas ruas passadas as dez horas da manhã. Os vendedores fizeram sentir á administração do grande jornal quanto isso era mau, já pela perda de comboios, etc. Mas a empresa não tendo novas machinas ia continuando na mesma forma. Um dia, sem mais preambulos, os vendedores de jornaes declaram greve ao *Seculo*, n'esse dia ninguem o leu. Como esta classe é muito unida logo se quotisaram para no caso d'alguma eventualidade. Em menos de dez minutos um d'elles era depositario de mais de cem mil réis. Mas não houveram priões, tudo foi cordato, no dia seguinte o *Seculo* sahio mais cedo, mais tarde comprou novas machinas e se amanhã falhasse, lá tinhamos os vendedores a chama o á ordem com todo o imperio que lhes dá a propaganda em que elles são tudo. Desde os cinco annos que andam na venda e ora contractados por um que os capitania e abona o capital, ora por iniciativa propria. Correm a cidade inteira duas e tres vezes por dia. Erguem-se ao romper da madrugada e lá estão á espera que o jornal saia. Sobem mil degraus n'um dia, e comtudo cada vez gritam, correm mais ligeiros. Alguns sujeitos, por troça, chamam lhes *jornalistas* (porque vendem jornaes) e comtudo elles valem ás vezes bem mais do que certos jornalistas *enragês*. Com tanto prazer vendem um supplemento litterario, como um jornal descrevendo um assassinato, são impassiveis, só sabem gritar e vender os jornaes. Quando a uma certa hora já adiantada do dia lhes sobra algumas folhas, elles, por uma medida economica muito sua, vendem-nos por metade e ganham com certeza.

Comtudo pagam nos mais caro. O vendedor de jornaes data do principio d'este seculo e não obstante ha dezenas de seculos já havia jornaes. Um dos mais antigos, que sabemos, é do tempo de Carlos Magno, que se fazia, em Roma era illustrado por meio de *estampilha* e era escripto pelos escravos ou libertos — *scribas*. aos quaes era ditado o original por um *scriba-magister*, eram os primeiros, cerca de duzentos e sabemos mais que um dos exemplares foi enviado de Roma a Hespanha com tres dias apenas, de demora.

Carlos Magno, foi assim, que soube, estando aqui na peninsula, a noticia da sua coroação em

Roma; esta celeridade era obtida pelo estabelecimento de correios a pé, que se revejavam, á formiga, e esse serviço estava tão bem organizado que o jornal romano chegava á peninsula em pouco mais de quarenta horas, como já dissemos. Parece, pois, que os jornaes tem a sina de serem transportados pedestremente, e o mais engraçado seria que esses estafetas romanos fossem *garotos* como, os actuaes vendedores, na sua maioria o são.

Foi esta a ideia do distincto escultor italiano que cinzelou no marmore a estatueta de que damos a gravura, para os leitores apreciarem a belleza da obra em que se conjugam a ideia, a arte, e factura.

A EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Continuado do n.º 20)

Principiamos hoje pela apreciação de um quadro de que o OCCIDENTE publica a reproducção em gravura, e que tem por titulo *Oh es tu, Lili?* do sr. José de Brito, estudante em Paris. Um artista novo, pelo menos para nós, mas que desperta a attenção dos visitantes com este seu quadro de costumes da Bretanha que é também um quadro de genero, especialidade pouco cultivada pelos nossos artistas, porque, emfim, sempre é um pouco mais difficil, que encher telas com paisagens banaes ou pintar panellas, cebolas e folhas de couve, como se vê n'esta exposição em sufficiente quantidade.

Effectivamente na exposição escasseiam os quadros de genero e entre os poucos que apparecem, alguns melhor fôra que os deixassem no atelier.

Este quadro do sr. Brito recommenda se principalmente por uma entoação extremamente suave, mesmo fria como o ar do paiz em que foi pintado, mas sem velatura. A harmonia é completa e o desenho correcto, e só notamos que as figuras são um tanto grandes para o quadro e a perspectiva forçada. Apesar d'estes ligeiros defeitos as qualidades são superiores a elles e o quadro distingue-se vantajosamente tendo merecido uma 3.ª medalha, e sendo adquirido por Sua Magestade El-rei D. Carlos.

O sr. José de Brito apresenta ainda um retrato muito bem pintado, mas de que não podemos avaliar a parecença.

Um outro quadro *Carrada de pedra*, que teve menção honrosa, é do sr. João Carlos Galhardo. Expõe ainda mais dois quadros o sr. Galhardo — *Rio de Lavadeiras* e *De Manhã*, mas o que fixámos mais detidamente foi o primeiro.

O quadro *Carrada de pedra* não é irreprehensivel de desenho, que é mol tanto nos bois como no homem que os conduz. Ha n'este quadro qualidades de côr apreciaveis e que revelam boa interpretação do natural, fazendo esperar do sr. Galhardo, que é ainda um estudante, um pintor animalista que reproduza nas suas telas essas scenas do campo com verdade, mas um pouco mais poeticas que as prosaicas carradas de pedra.

O sr. Antonio José da Costa, artista portuense, expõe oito quadros de paisagem que têm qualidades de côr atraioadas por incorrecções de desenho, que revelam pouca solidez no estudo d'este artista.

Console se, porém, o sr. Costa com os muitos companheiros que tem, pois infelizmente não está só na exposição pela errada idéa de alguns que pensam poderem pintar sem desenharem sufficientemente.

Até nos faz lembrar aquelle dito de um abalizado politico, que ao visitar o atelier de um escultor e depois de ter visto as differentes esculturas em que o artista trabalhava, perguntou:

— E para fazer estas obras é preciso saber de senho?

São variados os quadros do sr. Arthur Vieira de Mello que cultiva varias especialidades desde o animalista ao retratista, desde as flôres até aos quadros de genero.

Se attentarmos nos seus carneirinhos do quadro *O Predilecto*, temos a mais extranha impressão, por nos parecerem os pobres caprinos cozidos ou pelo menos escaldados, não tendo escapado do desastre nem o proprio predilecto, que o pastorito afaga em seus braços com um amor que parece ter sido desprezado pela cachopa a que elle arrastava a aza, se é que é dado a essas inclinações naturaes.

O que diremos do quadro — *A mãe doente?* — Uma grande desgraça que vae n'aquella casa, porque, além da mãe estar doente, a filha, que dorme encostada á chaminé, também não deve

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



HERO E LEANDRO — QUADRO DE ADOLPHO RODRIGUES, PHOTO-GRAVURA DO SR. JOSÉ PIRES MARINHO
(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

ter muita saúde, pois está sendo assada em vida, ao lume da fornalha que lhe serve de almofada. Da composição e perspectiva do quadro não fallemos para não insistirmos em coisas tristes. Por esta mesma razão não fallaremos do quadro — *Adormecido*, — em que ficamos admirados do prodigioso equilibrio que o rapazito faz para não cair d'aquelle plano inclinado em que o pintor o pôz com o banco em que se senta e a meza a que se encosta.

E além d'estes quadros, em que o artista parece ter posto os seus melhores cuidados, os outros são umas pequenas telas, mais modestas, mas em que se affirmam mais qualidades como no quadro — *Primeiro ninho*.

Proximo encontramos um quadro do sr. Thomaz de Mello Junior, *Praia de Cascaes* que é bem pintado, e d'este artista mais outros quadros de marinhas compõem a sua exposição. Todos menos felizes que o primeiro não deixam ainda assim de ter qualidades de boa escola.

Do sr. Hygino Mendonça notamos dois quadros — *Paisagem e Encosta de Paço d'Arcos*. O primeiro é um estudo, e como tal se accepta. O segundo é prejudicado por um excesso de amarello que se impõe desesperadamente.

O Sado já muito sufficientemente explorado pela pintura encontrou agora um outro artista a devassar-lhe as bellezas.



A RAINHA SANTA ISABEL — QUADRO EXISTENTE NO PAÇO D'AJUDA

É o sr. Isaias Newton, um artista da velha guarda que se destaca fortemente da pintura moderna, mas que tem effeitos de perspectiva aerea como poucos.

Tres quadros apresenta n'esta exposição todos de motivos do Sado: *Setubal, Castello de S. Philippe, e Rio Sado*.

Os nossos apontamentos indicam-n'os agora os quadros do sr. Marques d'Oliveira, professor na Academia Portuense de Bellas Artes.

Os quadros d'este artista destacam-se principalmente pelo tom frio com que vê tudo, quer nos apresente a paisagem como no seu quadro — *Pensativa*, quer seja um interior como o seu quadro — *O tear*.

Irreprehensivel na correcção do desenho a sua pintura é pouco brilhante, é mesmo triste, não realisando bem a intenção das suas figuras, onde falta sentimento, como a *Pensativa*, uma rapariga fiando linho no meio de um campo verde deslavado. Se o auctor não lhe chamasse *Pensativa* ninguém veria mais que uma fiandeira autthomatica.

O tear participa das mesmas qualidades e dos mesmos defeitos. As mulheres não fazem nada. Pararam de trabalhar, mas quedaram-se na attitude, de forma que a scena não tem movimento, expressão.

Tudo muito correcto, o que já é bastante, mas sem vida, o que é pena.

Questão de temperamento, contra o que a cri-

tica nada tem a oppôr, desde que a obra é correcta como todos os quadros que conhecemos d'este distincto professor.

(Continúa)

Xylographo.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

(Continuado do numero antecedente)

Bartholomeu do Quental havia completado a sua obra e não tardou que Deus o chamasse para si.

vel simplicidade e devoção, só elle tributa, áquelles que, como Bartholomeu do Quental, foram o objectivo constante da sua estima e veneração.

Esteve o corpo do santo varão exposto dois dias em uma tribuna sobre a capella-mór na egreja do Espirito Santo, sendo visitado pelo povo, pela córte, e pelo rei D. Pedro II e a rainha D. Maria Sophia que, de joelhos, lhe osculou os pés e as mãos.

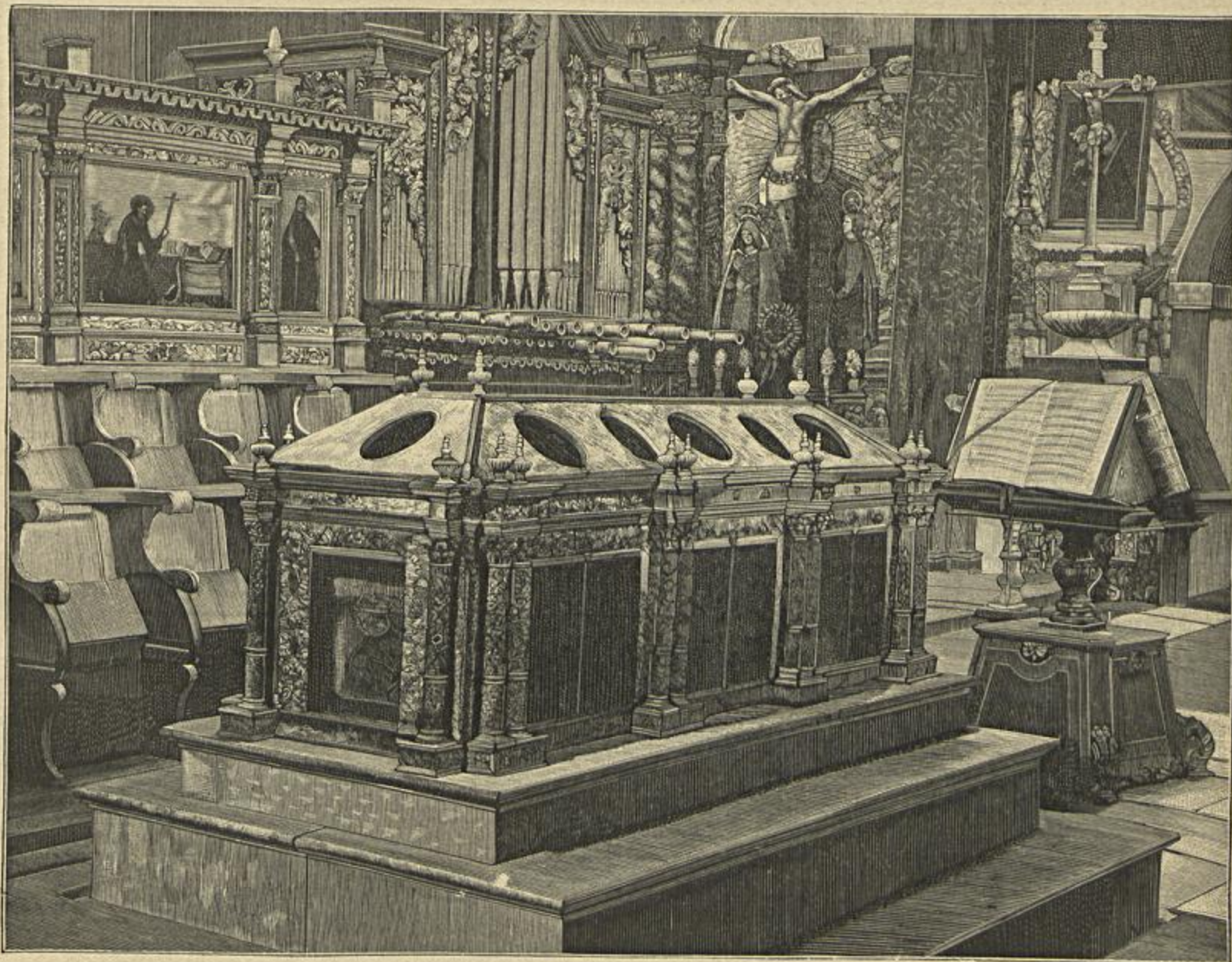
Depois foi o corpo do justo coberto de cal e enterrado na egreja, como era uso.

Dez annos depois, em 8 de dezembro de 1708, tendo-lhe a corporação mandado fazer um sump-tuoso jazigo e achando-se este concluido, foi o corpo exhumado achando se inteiro e incorrupto e

Sequeira, os cirurgiões Antonio Francisco de Oliveira e Francisco da Silva, e dois notarios apostolicos Antonio Baptista Viçoso e José das Neves.

D'esta solemnidade dá conta a *Gazeta de Lisboa*, de 1727, n.º 18, bem como o padre Frei Claudio da Conceição no tomo V do seu *Gabinete Historico*.

Nos subsequentes artigos fallaremos da segunda phase da existencia da Congregação do Oratorio, porventura a mais brilhante porque n'ella figurou um rei faustoso e fanatico pelo esplendor da religião e que só em conventos, livrarias claus-traes e dinheiros enviados para Roma consumiu o melhor de trezentos milhões de cruzados!



TUMULO DE PRATA, DA RAINHA SANTA ISABEL, NO CONVENTO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

(Copia de uma photographia do sr. Santos)

Em um sabbado, 20 de dezembro de 1608, expirava nos braços dos seus amigos e companheiros o veneravel e santo varão, contando 72 annos de idade. Foi dia de lucto para a nação. Diz o seu biographo que uma hora antes da morte do santo varão appareceu no cubiculo onde elle agonisava um signal luminoso muito semelhante a uma estrella.

Como Santo Antonio em Padua logo que, com a rapidez de relampago, correu a noticia da sua morte, o povo irrompendo em pranto, precipitou-se de tropel na camara mortuaria a beijar os pés e as mãos do justo, tocando no seu corpo com rosarios para que estes ficassem santos, e, cada qual, á porfia, tomava um bocado das suas vestes, um objecto qualquer que lhe pertencesse como tendo n'essa reliquia um preservativo contra todos os males e perigos na vida. Cultos de honra e de credence que só o povo na sua adora-

não lhe faltando na cabeça um só cabelo—segundo diz o seu biographo :

Capillus de capite vestro non peribit.

Tratando-se em 1727 da beatificação do veneravel fundador da Congregação do Oratorio em Portugal, foi pela Santa Sé mandado de novo verificar o seu tumulo, o que se realisou no dia 25 de abril. Abrindo-se o caixão foi encontrado o corpo inteiramente incorrupto e exhalando suave perfume.

A este solemne acto assistiram o provisor do patriarchado e arcebispo de Lacedemonia D. João Cardoso Castello, dois juizes da causa : frei José de Lima e frei João Gomes Merleiro, os medicos Cypriano de Pina Pestana e Antonio Frago de

Vamos entrar na segunda phase da existencia da celebre congregação.

N'este segundo periodo figuram os reis D. João V e D. José I, um promovendo o engrandecimento d'aquella cooperacão, fazendo-lhe doações valiosas e concedendo-lhe privilegios, outro aproveitando-se do prestigio d'esses padres para derribar o poder absorvente do jesuitismo e cortar-lhe os vãos da sua desmesurada ambição.

Dava margem a numerosas columnas d'este jornal a narrativa succinta de todos os factos que implicita ou explicitamente se prendem com este assumpto, ou com elle teem correlação. Não o faremos porém, e por dois motivos : primeiro porque não estamos escrevendo para os

sabios, segundo porque é o nosso intuito sermos breve e limitar-nos simplesmente, em poucas e despreziosas linhas, a uma pequena noção do que entre nós foram os famosos padres de S. Filipe Nery e os serviços que elles prestaram ás letras, e á educação da mocidade.

— As luctas travadas entre os jansenistas e os jesuitas em que se estes tiveram pela sua parte o apoio da Curia Romana e que não alcançaram todavia melhor conceito nas suas doutrinas:

— as cartas fulminantes de Blaise Pascal (*Lettres provinciales*) que foram traduzidas em todas as linguas e mostraram que ainda mais um novo e formidável athleta se levantou para ajudar a derribar a influencia da poderosa Companhia de Jesus:

— a questão Bichi, que causou a interrupção das relações entre Portugal e a Santa Sé, questão em que mais entrou o elemento jesuitico e o capricho de D. João V, do que a justiça dos factos (1)

Todos estes acontecimentos influiram intimamente no animo do rei D. João V fazendo-lhe ver que os jesuitas não eram tão santos como a principio se lhe afigurava. . . O rei viu que por toda a parte se evidenciava que para ser falso christão era preciso ser-se bom jesuita, ou antes, para bem se comprehender as doutrinas de Christo era necessario combater as dos chamados *seus* Companheiros! Alem d'isso D. João V era amigo das freiras e estas adversas aos jesuitas. . .

O rei observou, como agudo que era de entendimento e cioso da sua dignidade, que os frades iam empolgando o poder, as honras e a riqueza das nações, mettendo-se em todos os negocios publicos e produzindo ás vezes sérios conflictos. . .

Já a esse tempo havia apparecido o livro de Verney: *Verdadeiro methodo de estudar*, causando esse apparecimento um barulho enorme Os jesuitas sentindo-se feridos no coração escabujavam desesperadamente, chamando a si todas as forças da Ordem e artificios de que podiam dispor e preparando-se para o combate. Muitos escriptores vieram á barra defendendo os, mas Verney, de Roma, completou a sua obra de rejuvenescimento das letras, desmascarando os hypocritas, e pedindo energicamente a reforma dos estudos em Portugal.

D. João V, que nada tinha de tolo, foi-se prevenindo, começando por fundar a *Real Academia de Historia Portugueza*, depois a das *Arcades* em Roma, apóz esta o *Seminario Patriarchal* e por fim o *Collegio dos Arrabidos* em Mafra

Por essa occasião o rei, cada vez mais indisposto com os jesuitas, conseguiu do papa que fosse permitido aos reus da inquisição tomarem advogados para os defenderem, o que, como se sabe, até ali era como completamente dispensavel.

E depois d'estas biscas jogadas á Curia Romana D. João V resolveu desenvolver os collegios dos conegos seculares, e imaginou levantar na capital um grande hospicio e collegio que fosse semelhante, senão superior, ao celebre *Port Royal* de Paris, que tanto brado estava dando, e que havia trazido para as letras enormes beneficios e para os methodos de ensino uma completa remodelação.

Essa casa seria, por assim dizer, e segundo os planos do rei, um viveiro de bons e uteis sacerdotes, que exerceriam os misteres do pulpito e do confessorario e ensinariam as humanidades, proporcionando uma severa educação classica, no verdadeiro sentido da palavra.

N'esse intuito D. João V olhou para o Sanctuario de Nossa Senhora das Necessidades, começando por adquirir a pequenina ermida que existia na Ribeira d'Alcantara e cuja origem vinha dos tempos do rei Filipe III, o Pio, elevando no lugar da modesta egreghina um templo magnifico digno da sua magnanimidade, como todos aquelles que elle costumava mandar construir como padrão da sua riqueza e . . . da sua vaidade.

Imbuído n'essas ideias que visavam ao desenvolvimento dos estudos e seu aperfeiçoamento, o rei comprou uns prazos a Gaspar Pereira do Lago e ao filho d'este, Balthazar Pereira do Lago de Castilho, que constavam de casa, com a ermida,

e quinta, com suas pertenças de uma e outra banda da estrada (1).

Concluidos que foram o templo e o palacio deu principio ao hospicio comprando a Paulino da Costa Ribeiro uma terra de pão que se chamava *Lapa da Moira*, no alto do Monte que ficava defronte do Convento do Sacramento, na qual havia uma pedreira e um moinho de vento. Esta compra effectuou-se em 31 de janeiro de 1744, tendo-se, antes d'elle, realisado as de directo senhorio ás religiosas do mosteiro de Santos.

Comprou depois o rei outras terras chamadas do *Ar-aial* no sitio de Buenos-Ayres, ao padre Antonio Baptista Viçoso, e a Jeronymo Antonio de Castilho o directo senhorio d'esses terrenos, bem como ainda fez aquisição de outros terrenos pertencentes a Isabel Maria Freire e a Antonio Rodrigues Dias, para alargamento da cerca e outras dependencias.

Em seguida fez a doação, data da de 9 de fevereiro de 1745, em que concedia aos padres da Congregação de S. Filipe Nery, presentes e futuros, do edificio e grande cerca que se comprehendia entre os muros que se estavam fazendo. Tambem lhes concedia o uso da igreja de Nossa Senhora das Necessidades (egreja que reservava para si e seus successores), para ali os padres da Congregação dizerem missa, confessar, pregar e exercer os mais misteres religiosos dos seus estatutos. No hospicio seriam creadas aulas em que se ensinasse a ler e escrever, doutrina christã, grammatica, rethorica, philosophia e theologia moral, ampliando mais essas licenças com a facultade de poderem ao seu arbitrio abrir tambem cursos de theologia escolastica e outras quaesquer sciencias. A cadeira de philosophia era concedido o privilegio que já tinham os ditos padres: de valer aos estudantes na Universidade de Coimbra o anno de logica que ali estudassem e serem n'ella admittidos só com a certidão que levassem do Collegio das Necessidades (2).

A mesma provisão dizia que se algum dia se quizesse pôr em execução a antiga planta da fortificação da cidade, approvada em 1701, seriam os referidos padres obrigados a ceder um pedaço da cerca, do modo porque ia indicado na planta que acompanhava a dita doação, planta que havia sido feita, bem como o risco de todo o edificio, pelo brigadeiro Manuel da Maia e o capitão Paulo Farinha Lopes.

No dia 10 foi o director da Congregação, padre Domingos Pereira, acompanhado de outro religioso agradecer a el rei esta valiosa mercê, beijando-lhe a mão, e no dia 13 realisou-se na igreja do Espirita Santo, em acção de graças, um solemne *Te-Deum* (3).

Devemos todavia observar que a esse tempo não se achava concluido o hospicio. Os padres de S. Filipe Nery tiveram de esperar e ficaram permanecendo na sua antiga casa, continuando esta a ser visitada successivas vezes pelas pessoas raeas e agraciada com boas esmolhas nas festas de S. Filipe Nery, patrono da Congregação, e de S. Carlos Borromeu.

Entretanto D. João V não affrouxava no seu piedoso zelo. Entre os privilegios que os padres do Oratorio já haviam adquirido, avultava o de poderem imprimir o *Diario Ecclesiastico* ou *Folhinha*, de que elles auferiam grandes proventos.

A estes privilegios juntou el-rei a doação da casa, que foi de doze mil cruzados, e presentou o hospicio com excellentes machinas e instrumentos para o curso de physica e mathematicas, e com uma livraria tão copiosa e tão importante que já em fins do seculo passado se achava em 30 000 volumes e no custo de cento e vinte mil cruzados (4).

Diz o decreto d'essa dotação, datado de 25 de abril de 1750: (5)

„ Por quanto, para maior culto e veneração da Virgem Sanctissima Senhora das Necessidades, mandei fundar, junto á sua igreja huma Casa de Oração, em que os Padres do Oratorio de S. Filipe Nery, da Congregação desta cidade, assistissem os precisos não só para o serviço da Igreja mas para ensinar aos moradores visinhos e mais pessoas que se quizerem aproveitar da doutrina dos referidos Padres. E por confiar d'elles satisfarão inteiramente a todo o sobredito com grande pontualidade e zelo: Hei por bem fazer Mercês á

referida Casa de Oração de Nossa Senhora das Necessidades e Padres, pelo tempo que nella assistirem, das propriedades e juro seguintes. . .

(e segue a descripção d'essas propriedades e juros).

„ As quaes propriedades e juros forão de Ordem Minha compradas para meu Patrimonio particular, com a declaração que os juros ficarão conservando a natureza de pacto directo, que presentemente tem e o juro de duzentos e vinte mil réis no Almojarifado de Sacavem se applicará inteiramente á conservação e augmento da livraria da mesma Casa, e desta Mercê e Doação nada pagarão os Padres etc., etc.

(Continúa)

Silva Pereira.

A INDUSTRIA DAS RENDAS

Ao Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Dr. Jayme Mauperrin dos Santos

II

As rendas na idade média. O feudalismo. As rainhas e as damas de alta distincção. Os conventos, os mosteiros e abbasias, as preciosidades e os bordadores. As exposições.

N'esses seculos a que se chama a idade média, n'esse periodo, que até hoje, restringe um numero d'annos a igual distancia dos primeiros dias da nossa era e os ultimos da actualidade, vemos nós, que a arte de bordar e fazer rendas, era occupação querida das castellãs e rainhas as quaes nos seus vastos aposentos, durante as longas e infindas horas de ocio, que lhes davam as cruzadas e as guerras continuas d'esta época, se entregavam ao myster de bordar, que lhes fazia parecer menor, o tempo decorrido e assim se enganavam da longa duração do encarceramento em que as forçava e retinha a difficuldade de communicações.

Durante os tempos feudaes, costumavam os cavalleiros mandar para casa dos suzeranos as suas filhas para se instruirem e aprenderem a fiar e bordar, debaixo das vistas das castellãs, como elles assim, tambem alli mandavam seus filhos para os iniciar e adestrar no honrosissimo myster das armas.

Na antiguidade romana, chama-se a estas meninas: camareiras. As castellãs orgulhavam-se e envandeciam-se com o numero e direcção dada ás suas discipulas. Rainhas e damas de alta gerarchia, gloriavam-se de se occuparem assim, e empregar a sua actividade n'essa propaganda distincta — a de ensinar variadas prendas.

O maior elogio que se podia fazer á virtuosa e infeliz princeza Catherina d'Aragão, casada depois com o celebre Henrique VIII de Inglaterra, era o de que: ella passava por ser, quem nos seus dias, melhor sabia manejar a agulha. Essa habilidade foi-lhe outhorgada por sua mãe a rainha Isabel a Catholica.

A triste (Maria Stuart, era eximia n'esta arte, bem como em muitas outras).

Catherina de Médicis, essa rainha da França, italianna por nascimento, e a quem os historiadores imputam o ter sido causa e dirigente da carnificina horrorosa da S. Barthelemy, (1) foi tambem uma incomparavel artista, de modo, que reuniu em torno de si, Claudia, Isabel e Margarida, suas filhas, bem como suas primas, de Guise. Segundo diz Brantôme, passava esta princeza florentina, as tardes, cuidando dos seus trabalhos e bordados em seda, em que era inexcidível de perfeição.

As obras d'agulha, eram o trabalho quotidiano dos conventos de freiras, dos mosteiros e das abbasias. Muitas vezes se chamava aos bordados e rendas: *trabalho de religiosos*.

Havia, mesmo, monges reputados pelo seu talento como bordadores; n'este caso se encontravam os da abbasia de Wolstrobe, no condado de Lincoln.

Em toda a parte, onde, os conventos foram suprimidos, o preço das rendas subiu e o numero de bordadores e bordadoras habéis, descreceu bastante. Entre as religiosas, que exerceram esta arte, devemos citar as freiras da peninsula e especialmente as de Hespanha que produziram rendas, verdadeiras maravilhas de paciencia, delicadeza e finura.

Como a maior parte, senão a totalidade, d'essas obras, executadas por ellas, eram destinadas aos altares, muitas vezes a intuição christã e o amor

(1) Esta questão foi muito seria, chegando as desavenças entre Roma e Portugal a atingir um rompimento formal. O papa Innocencio XIII influenciado pela Casa d'Austria obstinava-se a não conceder o capello cardinalicio a Bichi, seu nuncio em Portugal. D. João V pediu, instou e não foi attendido. O rei resentiu-se da recusa, muito mais porque não havia muito tempo que tinha socorrido o Papa com uma esquadra contra os turcos. Benedicto XIII successor de Innocencio XIII disse que faria cardeal quem el-rei quizesse, menos a Bichi. O resultado foi declarar-se o rompimento, passando o patriarcha de Lisboa a exercer as funções papaes no reino. Com a subida de Clemente XI ao solio pontificio as cousas serenaram, mas Bichi não foi nomeado cardeal.

(1) Frei Claudio da Conceição *Gov. Hist.*, tomo xi, pag. 6-7.

(2) Privilegio que caducou com a reforma da Universidade de Coimbra em 1772 no reinado de D. José.

(3) Na *Gazeta de Lisboa*, n.º 8, de 23 de janeiro de 1745, vem uma noticia a este respeito.

(4) *Compendio das Epocas*, pelo Padre A. P. de Figueiredo, pag. 381.

(5) E não de 1757 como diz frei Claudio da Conceição e reproduzem outros auctores.

(1) Nós, os portuguezes, temos tambem algumas noticias interessantes, d'esta illustre dama. Quando, pela morte de D. Henrique, Portugal ficou sem rei, um dos pretendentes que se apresentou, foi Catherina de Médicis, e sabe-se que n'este intuito enviou uma frota á ilha Terceira, frota que foi destruida.

POESIAS DIVERSAS

pelo divino lhes guiava o pensamento e as mãos, de forma que, em extasis mysticos, concebiam primores n'este genero e produziam bellezas incomparaveis.

Um só exemplo bastará para que se imagine e aprecie o valor dos thezouros — por assim dizer — que n'este genero, possuam certas egrejas:

Algumas vezes era necessario nomear damas de guarda, aos vestidos da Madona, vestidos estes, usados só nas grandes solemnidades.

Com a extincção dos conventos, e só depois d'ella, é que estas riquezas inestimaveis, puderam vêr-se á luz do dia e serem devidamente apreciadas.

Assim, depois, nas exposições, e mui especialmente nas retrospectivas, houve azo de mostrar essas obras primorosas, em que se vêem anjos e cherubins, que nos julgamos serem os retratos das rendilhadoras, pois, pensamos que só anjos assim poderiam tecer e imaginar rendas d'um desenho lindissimo e d'uma forma de construcção finissima, como essas.

III

A Renascença geral das artes. Os artistas e as rendas. As rendas como industria. Seus nomes e especies.

Na Renascença, quando todas as artes se erguiam e davam ao mundo obras primas, quando na esculptura, na pintura, na poesia e na architectura se distinguiam os vultos immensos de Miguel Angelo, Raphael Sanzio, Dante e San Gallo, tambem a industria das rendas recebia um forte impulso. Os grandes artistas, então forasteando por todo o mundo, de modo a darem uma perfectibilidade geral na arte, variavam os desenhos e com o concurso do seu talento e genio conseguiram dar ás rendas, um tom artistico a que os francezes chamam *cachet*. Este tom artistico, até ahi, apesar dos bellos trabalhos já feitos, nunca o haviam tido as rendas.

Os desenhos, extremamente variados, reproduziam desde as singelas florinhas dos prados até á flôr de liz dos brazões. N'esse tecido transparente, fino e levisimo: a renda, desenhou-se as divisas e marcas d'honra, os monogrammas e allegorias mais gentis. Aquelles fios tenues, d'um trabalho gracil, satisfizeram, por sua vez, á mulher, como instrumento d'agrado, e á grande dama, como lisonja ao seu orgulho.

Começa, pois, aqui, a industria das rendas, sendo as mais conhecidas, n'essa época, as de Veneza, Genova e Bruxellas que eram as mais caras. Em Hespanha, havia, n'esta época, o fabrico d'uma rendinha barata, estreita e um pouco grosseira, era feita a fuso e produzia-se principalmente nos arredores de Alicante; hoje não ha noticia d'este fabrico.

Segundo o escriptor Dézobry, a fabricação de rendas de seda, existia em Puy desde o começo do seculo XVII.

As rendas na França e na Inglaterra, tiveram, devido á inconstancia da moda, uma vida alternada, mas, por vezes, enorme.

Em Luiz XIII a moda até pôz rendas nos canos das botas! Quando Isabel de Inglaterra, morreu, encontraram-se no seu guarda roupa, mais de trez mil vestidos, todos guarnecidos de bellas e custosas rendas.

Essas rendas tinham varios nomes, segundo a proveniencia e que lhes dava um titulo intrinseco.

Assim: *Mulines* e *Valenciannas*, era um nome generico que se applicava ás rendas de Flandres.

O uzo d'estas rendas era enorme, e isso vemos nas pinturas flamengas, os retratos das damas com altas gorgeiras de renda, os retratos dos cavalleiros com duplos punhos rendilhados e de grande preço.

Mechlin e *Buckingham* eram as rendas feitas sobre almofada.

Guipure era feita com agulha de *crochet*. *Blonde* (a que nós chamámos *bobinête*) era a renda de seda branca. *Chantilly* ou *Grammont* era a renda preta, feita á mão e com bilros.¹

As rendas de ouro e prata, estão abandonadas, de ha muito, pela moda e não servem senão para realçarem o brilho dos paramentos religiosos e a sua fabricação actualmente, é d'importancia secundaria.

Esteves Pereira.

¹ Reina grande discordancia n'estas classificações. Esta, não nos pareceu a melhor, comtudo por ser a mais auctorizada, transcrevemol-a; no capitulo seguinte, trataremos d'este ponto, e ahi precisaremos, o melhor possivel, as classificações, não de factura, mas sim como objecto de commercio.

TEXTO

CANTIGAS NAS CALDAS
COM O ESTRIBILHO

*Olhos meus, cansados olhos
O vosso officio he chorar*

Nas Caldas, nas tristes Caldas
Alegria vim buscar;
Quiz de noite ver o Sol,
Quiz achar fogo no mar.
Olhos meus, etc.

Que importa mudar de terra,
E baldados passos dar,
Se a toda a parte a que os volte
Vai comigo o meu penar?
Olhos meus, etc.

Vejo pallidos doentes
Pela Copa passear,
Oico de antigas molestias
Tristes effeitos contar.
Olhos meus, etc.

Vejo nas fervidas aguas
Mirrados corpos banhar,
E de balde nos surdos céos
Convulsos braços alçar.
Olhos meus, etc.

Vejo do perdido pranto
Tristes ais acompanhar,
Com as lagrimas alheias
Vou as minhas misturar.
Olhos meus, etc.

Que importa ver Ninfas bellas,
Se accrescentam meu pezar?
Gostam de attrahir os olhos,
E as almas tyrannizar.
Olhos meus, etc.

Ao som de feridas cordas
Dão doces vozes no ar,
Quaes enganosas Sereas
Que cantam para matar.
Olhos meus, etc.

Se o meu pobre coração
Se deixa huma vez tocar,
Com escarneos, com risadas
Meu pranto vejo pagar.
Olhos meus, etc.

Fartais-vos, pois, olhos meus,
De lagrimas derramar;
Vós nascestes para tristes,
E escolhestes o lugar.
Olhos meus, etc.

Nicolau Tolentino.

Á BEIRA DO MONDEGO

No azul da grande abobada espelhada
Campeia a Lua e os astros scintillantes;
Os pés nas frescas aguas murmurantes
Dorme Coimbra triste e soçegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Dos bandolins chorava palpitantes;
Tudo é silencio agora, e dos amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repousa; a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz vacilla crepitando vária.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.
O poeta no entanto, o eterno pária,
Escuta a voz d'Ignez entre os salgueiros.

Gonçalves Crespo.

VERSIONE

CANZONI NELLE TERME
COL RITORNELLO

*Occhi miei, stanchi miei lumi
Vostro officio è lagrimar.*

In Termal mesta stazione
Allegria venni a cercar;
Veder volli a notte il Sole,
E trovar fuoco nel mar.
Occhi miei, ecc.

Che val mai cambiar paese
Che val mai qua e là vagar,
Se dovunque io volga il passo
Viene il duol meco a viaggiar?
Occhi miei, ecc.

Veggio pallidi ammalati
Nelle Terme passeggiar,
Odo ognor di antichi morbi
Mali effetti raccontar.
Occhi miei, ecc.

Veggio corpi macilenti
Starsi in calde acque a tuffar,
Ed invano al sordo cielo
Lor convulse braccia alzar.
Occhi miei, ecc.

Veggio che suol vano pianto
Mesti lagni accompagnar,
Colle lagrime dei molti
Le mie soglio mescolar.
Occhi miei, ecc.

Che val scórger Ninfe belle,
Se in me il duol fanno aumentar?
Piace lor di attrarsi gli occhi,
Ed il cuor tyranneggiar.
Occhi miei, ecc.

D'armoniose corde al suono
Dolcemente san cantar;
Ma, Sierne ingannatrici,
Cantàn sol per trucidar.
Occhi miei, ecc.

Se il mio cor per un istante
Se ne lascia dominar,
Veggio che con scherni e risa
S'usa il mio pianto pagar.
Occhi miei, ecc.

Non cessate, occhi miei, dunque
Da un eterno lacrimar;
Siete voi nati pei mesti,
Ed il loco atto è a plorar.
Occhi miei, ecc.

Peragallo.

SULLE SPONDE DEL MONDEGO

Nella vólta del ciel azzurra, lata,
Splende la Luna fra astri scintillanti;
Coi piè nelle fresche acque mormoranti
Dorme Coimbra triste e non turbata.

Da poco anóór la dolce serenata
Del mandolín gemea del core i canti;
Tutto é silencio adesso, e degli amanti
Non si muove nel calle l'ombra usata.

La cala e ancor la spiaggia é solitaria;
E nei fanali del ponte consueti
Trémola il lume, e, crepitando, varia.

Nelle lor barche dormon sonni queti
I nauti: e intanto il vate, eterno paria,
La voce ode d'Ignez tra i saliceti.

Peragallo.



REVISTA POLITICA

Emquanto as camaras dão os ultimos toques na nova lei de contribuição industrial, com um cuidado e escrupulo só equal ao conhecimento que os varios sabios legisladores tem do assumpto em questão, continúa na imprensa politica a campanha contra o iberismo resuscitado em Badajoz, no já agora, celebre comicio de republicanos hespanhoes e republicanos portuguezes.

Republicanos não é precisamente o nome que lhes cabe, muito principalmente aos portuguezes, se portuguezes podemos chamar a estes degenerados filhos que pretendem matar a mãe.

Vá de rétro, que se ali não andasse uma grande dose de toleima, era caso para os mandarmos de presente aos hespanhoes ou para as Pedras de Enconche sem mais lhe tornarmos a pôr a vista em cima.

Mas elles não passam de umas pobres dominhas que, tendo-se aproximado mais do que deviam do fascinador sapo, não lhes puderam resistir e metteram-se-lhe na bocca sem o sentirem, sem quererem.

Faz pena, realmente, que homens, em quem reluz algum talento, como diria Boccage, viessem dar em publico uma prova tão cabal da sua falta de juizo, trazendo assim mais um desconsolo aos que esperavam alguma coisa d'elles.

Já não se trata de instituições, a respeito da forma das quaes é licito a cada um ter a opinião que entender segundo as suas idéas; trata-se da autonomia da patria a respeito da qual parece que não deviam haver, em caso algum, duas opiniões em espiritos portuguezes.

Quem é que sendo livre troca a sua liberdade pela escravidão? Este sentimento chega a ser inferior ao do mais vil reptil, que embora arrastando-se pela terra, na mais penosa existencia, conserva em alto grau o extincto da conservação e da liberdade.

Não seria preciso que Pi y Margall, Salmeron e Zorrilla dissessem que não era uma confederação mas uma federação a junção dos dois povos da Peninsula Iberica, porque a qualquer cabeça regularmente organisada é facil comprehender que de ambos os modos Portugal seria absorvido.

Mas se Portugal é absorvido que vantagem tem os portuguezes em se unirem á Hespanha seja sob que forma ou pretexto fôr? Isto sabe-se ha muitos annos. Já se sabia mesmo antes de 1580 e se a intriga politica que então reuniu os dois povos, não intrigasse depois para a sua separação, de pouco nos valeriam os heroes de 1640, que seriam outras tantas victimas sacrificadas em vão pela mais santa causa: a independencia da patria.

Até parece inutil revolver na historia factos que estão bem vivos na memoria de todos os portuguezes e só ignorados por essa meia duzia de dementes, que pensaram salvar a patria riscando a do numero das nações.

Não digam que os tempos são outros e as circumstancias differentes. A federação Iberica não trazia para Portugal a menor vantagem. Ficavamos peor do que estamos, consideravelmente peor, porque esta nação, que tem uma historia e uma civilização de sete seculos, desaparecia na mais natural absorpção, sem que mesmo da parte dos hespanhoes houvesse o proposito unico de nos fazer desaparecer. Era fatal, sob qualquer forma politica, e assim não se salvava coisa nenhuma, nem a patria, que aberrativamente engei-

tavamos nas margens do Caia envolta na gloriosa bandeira das quinas.

A republica transtornou completamente as faculdades d'estes republicanos inconscientes. Elles não sabem como fazer triumphar as suas idéas, não se sentem com forças para lutar, porque na sua lucta especulativa e pouco sincera, perdem cada vez mais o apoio dos que sincera ou ingenuamente os seguiam, e então não duvidam attentar contra a propria patria, se n'isso se lhe afigura o triumpho da sua causa.

A tão baixo desceram estes ibericos, que já lhe não podemos chamar portuguezes.

Se é a ambição que vos move, vós serieis os primeiros a receber o premio da vossa traição, se é a toleima: com tollos nem ao ceu.

Jazei em paz.

João Verdades.



O VENDEDOR DE JORNAES — ESCULPTURA ITALIANA



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Quadro graphico dos reis de Portugal, por A. X. da Silva Pereira. — É um trabalho muito meditado e digno do seu illustrado auctor. A todos os srs. professores de historia patria, recommendamos este quadro pela facil comprehensão, pois que é intuitivo e de muita utilidade para as creanças. Isto tem sido evidentemente demonstrado pelas honrosas distincções entre as quaes: menção honrosa na Exposição Universal de Paris, 1889, e opiniões encomiasticas que este trabalho tem valido ao sr. Silva Pereira. A Junta Consultiva de Instrução publica, approvou o seu uzo para as escolas e disse: *este trabalho é d'um bem meditado plano e boa orientação para o estudo da historia pratica.*

Tem este Quadro uma excepção a quasi todas

as obras e tratados de instrução, isto é, o ser barato — pois que custa 300 réis. O exemplar que recebemos é d'uma edição especial (melhor papel) cujo custo é de 500 réis cada exemplar.

Ao auctor agradecemos a gentil dedicatória com que nos lisongeou.

A Contribuição industrial e os funcionarios judiciaes. — Opusculo offerecido aos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Deputados da Nação Portuguesa por José Theophilo de Miranda Leone, illustrado escrivão do juizo de direito da 4.^a vara de Lisboa.

N'este bem redigido opusculo, começa o auctor por mostrar a pronunciada inimidade de alguns collaboradores de leis fiscaes contra os funcionarios judiciaes. Emquanto á innovação das estampilhas como cobramento dos emolumentos judiciaes diz o sr. Leone pouco mais eu menos que,

tendo calculado o valor do papel sellado que se vende e a receita manifestada presume que nem todo o producto entra no cofre do Estado e que portanto receia que com as estampilhas judiciaes venha acontecer ter-se que aventar opinião equal e porque horrorisa a todo o contribuinte que os seus sacrificios deixem de reverter para os cofres do Estado para ir beneficiar terceiros, seja elle quem fôr.

Dom Tarouco, por Monteiro Ramalho, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Casa editora, Luga & Genelioux, Successores, 1893. Um volume de 272 paginas in 8.^o nitidamente impresso em bom papel. Este livro, agora publicado, do sr. Monteiro Ramalho, o auctor des *Historias da Montanha*, é de um sabor original entre este genero de trabalhos litterarios, como uma boa parte dos nossos leitores tiveram occasião de apreciar, quando o seu auctor o publicou primeiro no OCCIDENTE. No prefacio do livro diz o sr. Monteiro Ramalho: «Em particular, pois — ficam prevenidos os dilectantes d'assumptos adamados como os vinhos d'ineffavel duçura, — Dom Tarouco é a tentativa d'um romanceto essencialmente plebeu e puramente rustico. De boa fé, pretende tracejar certos aspectos dos costumes e da feição d'uma parte d'esta nossa raça admiravel, endurecida na guerra e no trabalho, e affeita a lutar sempre, com uma coragem florida de galhardia, contra as agruras da sua terra montuosa e contra as inclemencias do oceano. E pôde ser que, no fundo da sua sinceridade, se atreva tambem a acariciar alguma intenção d'ensinar um pouco de Portugal aos portuguezes d'agora!»

E assim é. No *Dom Taruco* podemos vêr de perto toda a rudeza da montanha e os personagens reproduzem-se ali como em um espelho, tanta é a verdade com que são observados.

Felicitemos o nosso estimado amigo pela edição do seu bello livro e agradece mos muito reconhecidos a amabilidade da sua dedicatória.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já entraram no prélo as primeiras folhas d'este almanach

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.^ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29